

Jornal do Comercio
11 agosto 1963
(3.º caderno) 5

T. 103AR



«Gosto de pintar monstros que, em última análise, são extirpações do Homem» — diz convictamente.

Ivan Serpa fala de pintura e pintores

Texto e fotos de Moysés Duék

IVAN Serpa é um dos grandes nomes da pintura no Brasil. Um grande nome de hoje. Um grande nome de sempre. Sua trajetória no terreno da arte tem sido de permanente busca de novas formas de novos esquemas. Não sei de melhor autodeterminação para atingir ao completo êxito na arte. Em todas as suas soluções, em todas as suas pinceladas, está impresso o acerto, em elevado sentido estético. Pode-se discordar de uma ou outra etapa de sua evolução mas quando, um pouco adiante, encontramos a sua resultante, já a absolvemos e até a justificamos. Ivan Serpa há muito tempo deixou de ser um desconhecido. Se o prestígio adquirindo seus trabalhos, a crítica o consagra com elogios e prêmios. Já obteve o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro (1957), o de Viagem ao País (1962), o Prêmio Jovem Nacional na Primeira Bienal de São Paulo (1955), Prêmio Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro na Segunda Bienal de São Paulo, Prêmio Unesco e Prêmio Moinho Santista na Terceira Bienal de São Paulo, Prêmio Ardéa na Sexta Bienal de São Paulo.

Sua casa, no Méier, é ponto de permanente romaria de colecionadores, gente de arte, de jovens pintores precisados de orientação. A partir do dia 15 deste mês, uma coleção de seus trabalhos estará exposta ao grande público na Galeria Tenreiro, na Praça General Osório.

— Como está a pintura no Brasil?

— Francamente de concessão, comercial.

— Como está a pintura brasileira em relação à melhor pintura no mundo?

— Como sempre esteve: atrasada.

— Temos umas pinturas brasileiras com características nacionais?

— Até agora, os que procuram imprimir um caráter nacional são ainda desconhecidos do grande público.

— Qual a nossa melhor época?

— A que está para vir, espero...

— Como lhe parece o futuro dela?

— Promissor, apesar de tudo.

— Pode-se viver só da pintura, no Brasil?

— Para isso é indispensável ter bons padrinhos, gente da alta sociedade que os patrocine.

— Pintando que gêneros?

— O comercial, o digestivo.

— Basta ter talento, no Brasil, para vencer na pintura?

— Apenas isso não tem validade de grande coisa.

— Há igrelinhas? fechadas?

— E como!

— Há influência da política sobre a pintura, entre nós? Já houve caso inverso?

— Não. Não.

— Se o meio influi na pintura, como você explica trabalhos brasileiros escuros, sombrios?

— Nesse caso, sua influência alienígena. O meio ambiente não comunica nada a esses pintores.

— Ainda copiamos escolas e mestres estrangeiros?

— Essa é a generosidade.

— O que é mais benéfico para o artista: o êxito ou a dificuldade, a incompreensão?

— Quando êle é autêntico: a dificuldade.

— Pode-se errar durante séculos no julgamento de um artista?

— É muito difícil. Quase impossível. Terá passado pelo julgamento de vários povos, diferentes culturas.

— O público adquire o quadro que não adocora?

— No Brasil, não — faltamos cultura artística.

— Em números redondos, quantos compradores habituais há no Brasil?

— Graças a Deus, já em número suficiente para manter os artistas e suas famílias.

— Pechincham?

— Sim. Mas isso até desvaloriza o artista.

— Quais os melhores lugares em que estão seus quadros?

— No Walker Center, em Minneapolis; na Coleção Kyber, em Nova York; no Museu de Arte Contemporânea (MADRI), nos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio, no Museu de Belas Artes do Rio, inúmeros nos EE.UU. e França e na Europa em geral, em coleção que não sei, porque foram vendidos a galerias.

— Qual a sua opinião sobre

personalidade de pintor que você conhece?

— Volpi, como pintor e ser humano.

— Pintar acalma ou excita?

— Depende do dia e da obra.

— Existe protetores de artistas no Brasil? Você pode citar algum?

— Devem existir. Infelizmente não cai nas graças de nenhum.

— Comprar quadros é boa inversão de capital?

— É preciso saber comprar. É como comprar apólices ou apostar em cavalos.

— Se tão grande é o êxito de primitivos ou ingênuos, por que deve um artista inato estudar?

— Acontece que os primitivos nunca estudam.

— Aponte os pintores brasileiros que mais lhe agradam.

— Eu responderia melhor se citasse fases de um ou outro pintor.

— Quais os segredos para selecionar bem os quadros?

— Informar-se bem sobre arte (não apenas a local, mas sobre a melhor que se faz nos maiores centros) e comparar; devese encontrar nos trabalhos selecionados os fatores constantes nos melhores artistas. Mas o mais consciente e atilado crítico pode enganar-se. Em verdade, é a intuição pura e simples que deve orientar. Apesar de todas as sistemáticas e dos tratados escritos para orientar os compradores de quadros, só se compra aquilo que agrada de chôfre.

— Como está a pintura no Brasil?

— Francamente de concessão, comercial.

— Como está a pintura brasileira em relação à melhor pintura no mundo?

— Como sempre esteve: atrasada.

— Temos umas pinturas brasileiras com características nacionais?

— Até agora, os que procuram imprimir um caráter nacional são ainda desconhecidos do grande público.

— Qual a nossa melhor época?

— A que está para vir, espero...

— Como lhe parece o futuro dela?

— Promissor, apesar de tudo.

— Pode-se viver só da pintura, no Brasil?

— Para isso é indispensável ter bons padrinhos, gente da alta sociedade que os patrocine.

— Pintando que gêneros?

— O comercial, o digestivo.

— Basta ter talento, no Brasil, para vencer na pintura?

— Apenas isso não tem validade de grande coisa.

— Há igrelinhas? fechadas?

— E como!

— Há influência da política sobre a pintura, entre nós? Já houve caso inverso?

— Não. Não.

— Se o meio influi na pintura, como você explica trabalhos brasileiros escuros, sombrios?

— Nesse caso, sua influência alienígena. O meio ambiente não comunica nada a esses pintores.

— Ainda copiamos escolas e mestres estrangeiros?

— Essa é a generosidade.

— O que é mais benéfico para o artista: o êxito ou a dificuldade, a incompreensão?

— Quando êle é autêntico: a dificuldade.

— Pode-se errar durante séculos no julgamento de um artista?

— É muito difícil. Quase impossível. Terá passado pelo julgamento de vários povos, diferentes culturas.

— O público adquire o quadro que não adocora?

— No Brasil, não — faltamos cultura artística.

— Em números redondos, quantos compradores habituais há no Brasil?

— Graças a Deus, já em número suficiente para manter os artistas e suas famílias.

— Pechincham?

— Sim. Mas isso até desvaloriza o artista.

— Quais os melhores lugares em que estão seus quadros?

— No Walker Center, em Minneapolis; na Coleção Kyber, em Nova York; no Museu de Arte Contemporânea (MADRI), nos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio, no Museu de Belas Artes do Rio, inúmeros nos EE.UU. e França e na Europa em geral, em coleção que não sei, porque foram vendidos a galerias.

— Qual a sua opinião sobre

personalidade de pintor que você conhece?

— Volpi, como pintor e ser humano.

— Pintar acalma ou excita?

— Depende do dia e da obra.

— Existe protetores de artistas no Brasil? Você pode citar algum?

— Devem existir. Infelizmente não cai nas graças de nenhum.

— Comprar quadros é boa inversão de capital?

— É preciso saber comprar. É como comprar apólices ou apostar em cavalos.

— Se tão grande é o êxito de primitivos ou ingênuos, por que deve um artista inato estudar?

— Acontece que os primitivos nunca estudam.

— Aponte os pintores brasileiros que mais lhe agradam.

— Eu responderia melhor se citasse fases de um ou outro pintor.

instituto

Orânea

LIVROS NOVOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — A Bolsa & a Vida. Crônicas Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

Quer como ficcionista, quer como cronista, há muito tempo já se firmou a reputação do poeta Carlos Drummond de Andrade como prosador.

Em *A Bolsa & a Vida* ela apenas se confirma, levando do jornal para o livro seu sempre irônico comentário as ocorrências de nossa época, sejam elas ruidosas como a queda de um edifício em construção e a moda do lambretismo, tênue como uma anedota juscelfnica, mesmo simples acontecimentos domésticos. Da fábula dos pregos que astronômicamente sobem a macabra comédia administrativa dos funcionários-fantasmagóricos, há uma série de situações da vida real primorosamente apresentadas na nova coletânea drummondiana. Chega a oferecer curioso depoimento histórico quanto ao que era a capital montanhosa, antes do falso progresso rompimento da revolução de 1930 em Belo Horizonte. Ou apenas sentimental, quanto ao que era a capital montanhosa, antes do falso progresso imobiliário.

Allás, o mineirismo do cantor do Hotel Avenida está muitas vezes presente nas páginas de *A Bolsa & a Vida*.

Inclusive em sincera tentativa de reabilitação da humilde cozinha mineira.

Revestem-se da mais aguçada matreirice seus conselhos a um jovem intelectual. Inclusive quando, por vários motivos, condena a autopromoção dos diários jamais secretos, quase sempre confessórios da mais desenfreada vaidade.

A técnica do cronista é a de obter o máximo resultado em sugestões com o mínimo de palavras, de acordo com o limitado espaço do canto de página jornalístico em que primeiramente aparecem suas floridas farpas de herdeiro de Carlos de Laet. Apreende bem o linguajar do povo e sabe aplicá-lo com adequação e graça.

Se não foram reconhecidos pela Corte Inglesa os seus hipotéticos direitos de Conde de Pert (veja-se "Os Windsor se esqueceram"), como há tempos pretendeu que oficialmente patrocinasse o nosso governo sua reivindicação ao patrio escocês um Drummond paulista, — para o mineiro, se não andassem tão rasteiros os principados republicanos, dever-se-ia reivindicar a poesia. Porque, para a poesia, há mais tempo já se reconhece sua realidade.